UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE – CES
UNIDADE ACADÊMICA DE ENFERMAGEM – UAENFE
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

GABRIELA MONTEIRO DO NASCIMENTO

INTENSIDADE DOS SINTOMAS DO CLIMATÉRIO E SUA RELAÇÃO COM A CAPACIDADE DE TRABALHO DE MULHERES EM SERVIÇOS DO SUS

CUITÉ
2025

GABRIELA MONTEIRO DO NASCIMENTO

INTENSIDADE DOS SINTOMAS DO CLIMATÉRIO E SUA RELAÇÃO COM A CAPACIDADE DE TRABALHO DE MULHERES EM SERVIÇOS DO SUS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande UFCG, como requisito obrigatório à obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Profa. Dra. Heloisy Alves de Medeiros Leano

CUITÉ
2025

N244i Nascimento, Gabriela Monteiro do.

Intensidade dos sintomas do climatério e sua relação com a capacidade de trabalho de mulheres em serviços do SUS. / Gabriela Monteiro do Nascimento. - Cuité, 2025.
55 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde, 2025.
"Orientação: Profa. Dra. Heloisy Alves de Medeiros Leano".

Referências.
1. Climatério. 2. Climatério – mulheres - trabalho. 3. Climatério - SUS - mulheres. 4. Climatério – qualidade de vida. 5. Climatério - desempenho profissional. 6. Sistema Único de Saúde – Cuité – PB. 7. Escala climatérica de Greene. 8. Teste de correlação de Spearman. 9. Centro de Educação e Saúde. I. Leano, Heloisy Alves de Medeiros. II. Título.

CDU 612.67(043)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO BIBLIOTECÁRIO Msc. Jesiel Ferreira Gomes - CRB-15/256

GABRIELA MONTEIRO DO NASCIMENTO

INTENSIDADE DOS SINTOMAS DO CLIMATÉRIO E SUA RELAÇÃO COM A CAPACIDADE DE TRABALHO DE MULHERES EM SERVIÇOS DO SUS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado pela aluna Gabriela Monteiro do Nascimento, do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande (Campus Cuité), tendo obtido o conceito de _____, conforme a apreciação da banca examinadora constituída pelos professores:

Banca examinadora:

_____

Profa. Dra. Heloisy Alves de Medeiros Leano
Orientadora – UFCG

_____

Profa. Dra. Larissa Soares Mariz Vilar de Miranda
Membro – UFCG

_____

Prof. Dr. Matheus Figueiredo Nogueira
Membro – UFCG

Dedico este trabalho a todas as mulhers trabalhadoras que vivenciam o climatério.

AGRADECIMENTOS

À Santíssima Trindade e à Nossa Senhora, que intercederam por minha vida e me guiaram até aqui.

À minha família, meu lar, que sempre foi fonte de amor, conforto, cuidado e minha maior riqueza. Aos meus amados pais, não existe alguém quem tenha mais orgulho de vocês do que eu. Se estou onde estou, é por vocês e pra vocês. Vocês são meus exemplos de seres humanos, de profissionais e de pais. Obrigada por terem construído nossa família com tanto amor e respeito.

À pessoa que mais amo no mundo, minha pessoa favorita, minha linda irmã.

À minha querida turma 2020.2, ou melhor, “lindos da G7”. Essa caminhada sem vocês não teria sido possível.Ter cruzando nesse curto espaço de tempo de cinco anos com vocês foi um privilégio inimaginável. Cresci e amadureci, pessoalmente e profissionalmente. Vocês me ensinaram a importância da amizade, cumplicidade, respeito, empatia, sensibilidade, e acima de tudo, a levar a vida com humor. Agradeço em especial à Maria Eduarda, Luciano, Rômulo, Rita, Vanessa, Tamara, Celine, Denize, Cecília, Luíza, Daniel e Ana Karla. Levarei vocês no meu coração com muito carinho e admiração.

À Sara e Larissa, minhas veteranas e irmãs que Cuité me deu, obrigada por terem me acolhido tão bem desde o primeiro dia. Tenho muito orgulho de vocês e estarei sempre na torcida. Sentirei saudades das noites de filmes, das variações de macarronadas no jantar, de ser ouvidos para ensaios pré-provas e de conversar sobre o futuro. Admiro cada uma.

À Duda, com quem dividi casa por quase três anos. Você é sinônimo de fortaleza e doçura, quem eu sempre admirei e aprendi todos os dias. Obrigada pelas conversas, conselhos, escutas e comidas. Você é nota dez.

À minha banca, Matheus e Larissa, obrigada por terem aceitado participar da minha banca e contribuído para este trabalho. Em nome de vocês, agradeço a todo o corpo docente do CES, que sempre tratou nossa turma com tanto carinho, sensibilidade e cuidado. É um privilégio ter sido ensinada por vocês.

À minha querida orientadora Helô, que é fonte de graciosidade e força, uma linda mulher de se admirar por dentro e por fora. Obrigada pelo cuidado, paciência, palavras de conforto e pela singela terapia em cada orientação. Foi um prazer ter sido orientada por quem admiro.

RESUMO

Introdução: O climatério, período de transição entre a fase reprodutiva e não reprodutiva da mulher, embora possa ser assintomático, também é marcado por sintomas que podem impactar significativamente a qualidade de vida e seu desempenho profissional. **Objetivo:** analisar a intensidade dos sintomas do climatério e sua relação com a capacidade de trabalho de mulheres em serviço do Sistema Único de Saúde no município de Cuité, Paraíba**. Metodologia:** Estudo transversal de natureza exploratória e desenho quantitativo com 50 mulheres na fase climatérica e trabalhadoras do Sistema Único de Saúde no município de Cuité - PB. Foi aplicado um questionário sociodemográfico, a Escala Climatérica de Greene para avaliar a intensidade dos sintomas climatéricos e o Índice de Capacidade para o Trabalho que avalia a percepção da trabalhadora sobre sua capacidade atual e futura de executar seu trabalho. A análise dos resultados foi subsidiada pela estatística descritiva e teste de correlação de Spearman, adotando nível de significância de $p \leq$ e intervalo de confinaça de 95%. **Resultados**: Observou-se que 54% das mulheres climatéricas trabalhadoras do Sistema Único de Saúde apresentaram-se pouco sintomáticas e 46% muito sintomáticas de acordo com a Escala Climatérica de Greene, com destaque para os sintomas somáticos (média = 6,42; desvio padrão = 4,59). Em relação ao Índice de Capacidade para o Trabalho, 44% das mulheres apresentaram boa capacidade para o trabalho, 30% moderada, 20% ótima e 6% apresentaram baixa capacidade para o trabalho. Ao analisar a relação entre a intensidade dos sintomas e a capacidade para o trabalho, a correlação de Spearman indicou correlação negativa e estatisticamente significativa (ρ = -0,344; p = 0,014), sugerindo que maiores escores de sintomas climatéricos estão relacionados com menores índices de capacidade para o trabalho. **Conclusão:** Os achados evidenciam que a intensidade dos sintomas do climatério exerce influência negativa de intensidade fraca sobre a capacidade para o trabalho das mulheres trabalhadoras do Sistema Único de Saúde do município de Cuité. Tais resultados reforçam a importância da implementação de ações de promoção da saúde e estratégias de apoio no ambiente de trabalho, visando minimizar o impacto do climatério na vida profissional e na qualidade de vida dessas mulheres.

Palavras-chave: Climatério; Mulheres Trabalhadoras; Sistema Único de Saúde (SUS).

ABSTRACT

Introduction: The climacteric, a transitional period between the reproductive and non-reproductive phases in women, although it may be asymptomatic, is often marked by symptoms that can significantly affect quality of life and professional performance. **Objective**: To analyze the intensity of climacteric symptoms and their relationship with work ability among women working in the Unified Health System SUS in the municipality of Cuité, Paraíba. **Methodology**: A cross-sectional, exploratory, quantitative study was conducted with 50 climacteric women employed in the SUS in Cuité, PB. A sociodemographic questionnaire, the Greene Climacteric Scale to assess the intensity of climacteric symptoms, and the Work Ability Index to evaluate workers' perceptions of their current and future work capacity were applied. Data analysis was performed using descriptive statistics and Spearman's correlation test, adopting a significance level of $p \leq 0.05$ and a 95% confidence interval**. Results**: It was observed that 54% of climacteric women working in the SUS were classified as mildly symptomatic and 46% as highly symptomatic according to the Greene Climacteric Scale, with somatic symptoms standing out ($M = 6.42$; $SD = 4.59$). Regarding the Work Ability Index, 44% of the women showed good work ability, 30% moderate, 20% excellent, and 6% poor work ability. When analyzing the relationship between symptom intensity and work ability, Spearman's correlation indicated a negative and statistically significant correlation ($\rho = -0.344$; $p = 0.014$), suggesting that higher climacteric symptom scores are associated with lower work ability. **Conclusion**: The findings show that the intensity of climacteric symptoms has a weak negative influence on the work ability of SUS female workers in Cuité. These results highlight the importance of implementing health promotion actions and support strategies in the workplace to minimize the impact of the climacteric on professional life and quality of life.

Keywords: Climacteric; Working Women; Unified Health System (SUS).

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Ocupação profissional das trabalhadoras climatéricas do SUS participantes da pesquisa. Cuité, Paraíba, Brasil, abril de 2025 (n=50).....18
Tabela 2 - Características sociodemográficas das trabalhadoras climatéricas do SUS participantes da pesquisa. Cuité, Paraíba, Brasil, abril de 2025 (n=50). 19
Tabela 3 - Avaliação da sintomatologia climatérica pela Escala Climatérica de Greene. Valores dos escores apresentados como mínimo, máximo, média, moda e desvio padrão. Cuité, Paraíba, Brasil, abril de 2025 (n=50). 22
Tabela 4 - Análise da subescala climatérica de sintomas da Escala Climatérica de Greene. Valores dos escores apresentados como mínimo, máximo, média, moda e desvio padrão. Cuité, Paraíba, Brasil, abril de 2025 (n=50). 24
Tabela 5 - Classificação dos níveis de sintomatologia da Escala Climatérica de Greene. (n=50). Cuité, Paraíba, Brasil, abril de 2025 (n=50). 26
Tabela 6 - Distribuição das participantes segundo o Índice de Capacidade para o Trabalho. (n=50). Cuité, Paraíba, Brasil, abril de 2025 (n=50). 28
Tabela 7 - Correlação de Spearman entre a classificação do Índice de Capacidade para o Trabalho e a Escala Climatérica de Greene. Cuité, Paraíba, Brasil, abril de 2025 (n=50).....29

LISTA DE SIGLAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNES	Cadastro Nacional de Estabelecimento de Saúde
CNS	Conselho Nacional de Saúde
ECG	Escala Climatérica de Greene
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICT	Índice de Capacidade para o Trabalho
SPSS	Statistical Package for the Social Science
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRH	Terapia de Reposição Hormonal
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1. **INTRODUÇÃO** **12**
2. **METODOLOGIA** **15**
3. **RESULTADOS E DISCUSSÃO** **17**
4. **CONCLUSÃO** **29**
5. **REFERÊNCIAS** **30**
6. **APÊNDICES** **39**
7. **ANEXOS** **44**

ARTIGO ORIGINAL

A INTENSIDADE DOS SINTOMAS DO CLIMATÉRIO E SUA RELAÇÃO COM A CAPACIDADE DE TRABALHO DE MULHERES EM SERVIÇOS DO SUS

RESUMO

Introdução: O climatério, período de transição entre a fase reprodutiva e não reprodutiva da mulher, embora possa ser assintomático, também é marcado por sintomas que podem impactar significativamente a qualidade de vida e seu desempenho profissional. **Objetivo:** analisar a intensidade dos sintomas do climatério e sua relação com a capacidade de trabalho de mulheres em serviço do Sistema Único de Saúde no município de Cuité, Paraíba**. Metodologia:** Estudo transversal de natureza exploratória e desenho quantitativo com 50 mulheres na fase climatérica e trabalhadoras do Sistema Único de Saúde no município de Cuité - PB. Foi aplicado um questionário sociodemográfico, a Escala Climatérica de Greene para avaliar a intensidade dos sintomas climatéricos e o Índice de Capacidade para o Trabalho que avalia a percepção da trabalhadora sobre sua capacidade atual e futura de executar seu trabalho. A análise dos resultados foi subsidiada pela estatística descritiva e teste de correlação de Spearman, adotando nível de significância de $p \leq$ e intervalo de confinaça de 95%. **Resultados**: Observou-se que 54% das mulheres climatéricas trabalhadoras do Sistema Único de Saúde apresentaram-se pouco sintomáticas e 46% muito sintomáticas de acordo com a Escala Climatérica de Greene, com destaque para os sintomas somáticos (média = 6,42; desvio padrão = 4,59). Em relação ao Índice de Capacidade para o Trabalho, 44% das mulheres apresentaram boa capacidade para o trabalho, 30% moderada, 20% ótima e 6% apresentaram baixa capacidade para o trabalho. Ao analisar a relação entre a intensidade dos sintomas e a capacidade para o trabalho, a correlação de Spearman indicou correlação negativa e estatisticamente significativa (ρ = -0,344; p = 0,014), sugerindo que maiores escores de sintomas climatéricos estão relacionados com menores índices de capacidade para o trabalho. **Conclusão:** Os achados evidenciam que a intensidade dos sintomas do climatério exerce influência negativa de intensidade fraca sobre a capacidade para o trabalho das mulheres trabalhadoras do Sistema Único de Saúde do município de Cuité. Tais resultados reforçam a importância da implementação de ações de promoção da saúde e estratégias de apoio no ambiente de trabalho, visando minimizar o impacto do climatério na vida profissional e na qualidade de vida dessas mulheres.

Palavras-chave: Climatério; Mulheres Trabalhadoras; Sistema Único de Saúde (SUS).

1 INTRODUÇÃO

O climatério é definido pelo Ministério da Saúde como um processo biológico que marca a transição da fase reprodutiva para a não reprodutiva da mulher. Esse processo ocorre geralmente entre os 40 e 65 anos, começa no final da fase reprodutiva e se estende até a senilidade (Brasil, 2004). Durante esse período, ocorre a menopausa, que é a interrupção permanente da menstruação, confirmada após 12 meses consecutivos sem fluxo menstrual (Gallon; Wender, 2012).

Assim, o climatério é uma fase natural da vida da mulher, marcada pelo esgotamento

dos folículos ovarianos e pela diminuição do hormônio estrogênio (Selbac *et al*., 2018). Embora esse processo possa ser assintomático em algumas mulheres, em outros casos, há necessidade de uso de medicamentos. Além disso, algumas mulheres enfrentam sintomas variados e intensos que afetam sua qualidade de vida de diferentes formas (Amorim, 2019).

No estudo de Pompei *et al*. (2022) realizado com 1.500 mulheres, entre os sintomas mais comuns do climatério, os fogachos destacam-se como os mais prevalentes, afetando 73,1% dessas mulheres. Outros sintomas presentes no estudo de Jafari, Seifi e Heidari (2017) incluem a sudorese, ansiedade, fadiga, estresse, problemas de memória de curto prazo, distúrbios do sono, dores musculares ou nas articulações e irritabilidade.

Também é possível que as mulheres manifestem alterações na cognição, memória e capacidade sexual, bem como irregularidades vasomotoras, alterações de humor e na qualidade do sono (Selbac *et al*., 2018). Essas mudanças, diretamente ligadas ao declínio estrogênico, interferem na qualidade de vida, impactando especialmente as funções cognitivas (Bressiane; Silva; Corrêa, 2022). Como consequência, as mudanças fisiológicas durante essa fase podem provocar angústia, aumentar a vulnerabilidade à ansiedade e depressão, e afetar significativamente a vida pessoal, social e profissional das mulheres (Alves; Neves, 2023).

Segundo Matinez e Larrote (2006), a capacidade para o trabalho refere-se à habilidade do trabalhador de realizar suas atividades conforme as demandas do trabalho, seu estado de saúde e suas capacidades físicas e mentais, sendo uma medida do envelhecimento funcional. Este conceito é influenciado por fatores sociodemográficos, estilo de vida, envelhecimento e exigências do trabalho, sendo a saúde um dos principais determinantes.

Nesse sentido, a qualidade de vida profissional está diretamente ligada a elementos como motivação, satisfação, saúde e segurança no ambiente de trabalho (Fonsêca *et al*., 2014). A transição menopausal, portanto, surge como um desafio significativo para a mulher, com relatos indicando um impacto negativo em seu desempenho profissional (Jafari; Seifi; Heidari, 2017).

Fatores como a idade, fase climatérica, presença de doenças crônicas e fatores sociodemográficos, como renda, etnia e nível de escolaridade, influenciam a frequência e a intensidade dos sintomas do climatério, também influenciando diretamente na qualidade de vida dessas mulheres. Na sociedade atual ocidental, essa fase é frequentemente considerada como um sinal de envelhecimento, e consequentemente, o término da vida “útil” da mulher (Silva; Tanaka, 2013).

Embora esses sintomas sejam bem documentados, estudos populacionais sobre a epidemiologia do climatério e menopausa ainda são escassos no Brasil e na América Latina. A

maioria dos dados disponíveis provém de países desenvolvidos da América do Norte e Europa (Filho *et al*., 2015).

Segundo cálculos recentes baseados em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que aproximadamente 30 milhões de mulheres brasileiras estejam atualmente vivendo a fase do climatério e da menopausa, o que corresponde a cerca de 7,9% da população feminina nacional (AGÊNCIA SENADO, 2024).

Estima-se que 75% das mulheres no climatério enfrentarão uma variedade de sintomas, e em 25% dos casos, esses sintomas serão considerados debilitantes. Essa estimativa se observa tanto na América Latina quanto no Norte Global (Brewis, 2022).

A série histórica de 2012 a 2022 mostra um aumento constante na participação feminina no mercado de trabalho até 2019, com uma queda em 2020 devido à pandemia de COVID-19. No entanto, em 2022, essa participação voltou a crescer, alcançando 53,3% (Velasco, 2023; IBGE, 2024).

Diante desse cenário, a participação das mulheres no mercado de trabalho cresceu expressivamente nas últimas décadas, revelando um fenômeno de feminização da força de trabalho, especialmente no setor de saúde (Wermelinger *et al.*, 2010). Nesse contexto, com as transformações no mercado brasileiro e no perfil sociodemográfico, a fase de vida das mulheres no climatério ganha ainda mais relevância. Isso se deve tanto ao aumento da expectativa de vida quanto à manutenção da sua atividade econômica durante esse período (Fonsêca *et al*., 2014).

Segundo Geukes *et al*. (2016), os sintomas da menopausa podem afetar negativamente o desempenho das mulheres no trabalho. Seus resultados indicam que esses sintomas estão associados a um declínio da capacidade das mulheres de desempenhar suas funções profissionais.

Além disso, há uma falta de conscientização e comunicação acerca do climatério e menopausa em ambientes de trabalho, existindo evidências de que as mulheres consideram difícil lidar com os sintomas do climatério e que ambientes quentes e mal ventilados aumentam a intensidade dos sintomas (Hunter *et al*., 2016). Esses sintomas podem impactar a habilidade de algumas mulheres em desempenhar suas funções ou influenciar a maneira como elas percebem sua própria capacidade profissional.

Dados recentes do Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES) indicam que no Brasil existem mais de 3 milhões de pessoas trabalhadoras em exercício no Sistema Único de Saúde (SUS), das quais75% são mulheres" (Brasil, 2024). Com isso, a Portaria GM/MS Nº 230, de 7 de março de 2023, que institui o Programa Nacional de Equidade de Gênero, Raça e Valorização das Trabalhadoras no Sistema Único de Saúde, evidencia a importância de

promover o acolhimento das mulheres trabalhadoras, considerando seu ciclo de vida, incluindo o climatério e a menopausa (Brasil, 2023).

Apesar da relevância, ainda são limitados os estudos nacionais que investiguem os efeitos dos sintomas do climatério sobre a capacidade de trabalho das mulheres, especialmente no contexto do SUS. Parte-se da hipótese de que esses sintomas afetam negativamente o desempenho profissional e a qualidade de vida, agravados pela falta de compreensão e apoio adequados no ambiente de trabalho. Diante dessa lacuna, o estudo tem o objetivo de analisar a intensidade dos sintomas do climatério e sua relação com a capacidade de trabalho de mulheres em serviço do Sistema Único de Saúde (SUS) do município de Cuité.

2 METODOLOGIA

Estudo transversal, de natureza exploratória e abordagem quantitativa, que empregou duas escalas: a Escala de Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT) e a Escala Climatérica de Greene (ECG). A utilização dessas escalas permitiu entender como os sintomas do climatério afetam a capacidade de trabalho das mulheres trabalhadoras do SUS.

O cenário da pesquisa foi município de Cuité, localizado na microrregião do Curimataú Paraibano e vinculado à 4ª Gerência Regional de Saúde do estado da Paraíba. De acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022, a população do município era de 19.719 habitantes, dos quais 10.128 eram mulheres, e aproximadamente 3.113 dessas mulheres tinham idade entre 40 e 65 anos, faixa etária relevante para a pesquisa.

Segundo o Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES, 2024), o município possui 39 estabelecimentos de saúde da administração pública cadastrados, incluindo dez Unidades Básicas de Saúde, seis na zona urbana e quatro na zona rural, além do Hospital Municipal de Cuité, da Central de Gestão em Saúde, Centros de Atenção Psicossocial Adulto e Infantil, Secretaria Municipal de Saúde e a 4º Gerência Regional de Saúde, que são cenários de interesse para a pesquisa, visto que nessas unidades de saúde, as participantes desempenham suas atividades profissionais, tornando ideal para a análise dos impactos do climatério sobre a capacidade de trabalho.

A população do estudo foi composta por mulheres trabalhadoras do SUS do município de Cuité que estavam na fase climatérica, entre 40 e 65 anos de idade. A presença dos sintomas do climatério foi verificada por meio do autorelato das participantes, sendo considerada quando estas referiam apresentar pelo menos um sintoma característico dessa fase.

Tendo em vista que o CNES não fornece informações sobre a data de nascimento dos

profissionais, foi realizado contato com os responsáveis técnicos dos estabelecimentos de saúde que identificou as mulheres que se enquadravam na faixa etária desejada.

Foram incluídas no estudo mulheres com idades entre 40 e 65 anos, que apresentavam pelo menos um sintoma climatérico e que estavam em exercício no momento da coleta de dados.

Foram excluídas mulheres que estavam fora da faixa etária entre 40 e 65 anos e que estivessem afastadas ou de férias no periodo de coleta.

A identificação das mulheres elegíveis foi feita com o auxílio dos responsáveis técnicos das unidades de saúde do município. Foi estabelecido contato com esses responsáveis para obter informação das profissionais que estavam na faixa etária de 40 a 65 anos. O contato foi de forma presencial e por telefone.

Em seguida foi realizado contato com as mulheres indicadas, sendo objetivo de entrevistar o total de mulheres elegíveis, totalizando uma amostra de 50 mulheres.Antes de iniciar a coleta foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE II) às participantes, assegurando que elas compreendessem plenamente os objetivos, métodos, potenciais riscos e benefícios da pesquisa. Além disso, o projeto garantiu a confidencialidade das informações e a privacidade das participantes, além da possibilidade de desistência da mesma a qualquer momento (Brasil, 2013).

A coleta de dados foi realizada entre os meses de março a maio de 2025.

A coleta do material se deu a partir dos seguintes instrumentos: instrumento com dados sociodemográficos e comportamentais confeccionado pela pesquisadora (APÊNDICE I), Escala de Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT) (ANEXO I e II), e Escala Climatérica de Greene (ECG) (ANEXO III).

O primeiro instrumento coletou informações sobre as características pessoais e de saúde das participantes, sendo incluídos neste estudo: profissão, faixa etária, estado civil, renda mensal, escolaridade, idade da menopausa e terapia de reposição hormonal.

O Índice de Capacidade para o Trabalho é um instrumento destinado à autoavaliação da capacidade de trabalho pelos próprios trabalhadores, ele avalia a percepção do trabalhador sobre sua capacidade atual e futura de executar seu trabalho, considerando as exigências do trabalho, seu estado de saúde e suas capacidades físicas e mentais (Junior; Vasconcelos; Griep; Rotenberg, 2011).

Este índice é calculado com base nas respostas a um conjunto de perguntas que abordam os requisitos físicos e psicológicos do trabalho, o estado geral de saúde e as habilidades funcionais do trabalhador. O escore obtido, que varia de 7 a 49 pontos, é categorizado da seguinte maneira: 7–27 pontos indicam uma capacidade baixa (restaurar a capacidade de

trabalho); 28–36 pontos refletem uma capacidade moderada (melhorar a capacidade de trabalho); 37–43 pontos denotam uma boa capacidade (manter a capacidade de trabalho); e 44–49 pontos indicam uma capacidade muito boa (manter a capacidade de trabalho) (Humeniuk *et al.*, 2019).

A Escala Climatérica de Greene (ANEXO III), desenvolvida em 1998, é um dos instrumentos mais utilizados para a avaliação dos sintomas do climatério, com 21 itens que cobrem quatro domínios: vasomotores (itens 1 e 2), somáticos (itens 3-9), psicológicos, dividido em ansiedade (itens 10–15) e depressão (itens 16–20) e disfunção sexual (item 21). A escala é autoaplicável e cada sintoma é avaliado em uma escala Likert de 4 pontos (nenhum, leve, moderado, grave). A pontuação total é a soma das respostas, refletindo a intensidade dos sintomas (Alves; Neves, 2023).

Assim, as mulheres desta pesquisa foram categorizadas em: pouco sintomáticas (0-20 pontos) e muito sintomáticas (21-63 pontos), considerando o escore total da ECG. Adotando a metodologia utilizada no estudo de Silveira *et al*. (2007) que classificou mulheres com escores abaixo de 20 na Escala Climatérica de Greene como pouco sintomáticas e aquelas acima de 20 como muito sintomáticas.

Os dados foram tabulados e analisados no *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). Todas as variáveis foram descritas, com frequência absoluta e relativa. O ECG e ICT, por se tratarem de variáveis numéricas, foi realizado previamente o teste de normalidade de Shapiro-Wilk, e por apresentarem distribuição não paramétrica, optou-se pelo teste de correlação de Spearman, adotando o nível de significância de 5% (p = 0,05) e teste bicaudal, e intervalo de confiança de 95% (IC95%).

Como a pesquisa envolve seres humanos, foram seguidos os princípios éticos definidos pela Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que destacam a importância de respeitar a dignidade, a autonomia e a vulnerabilidade dos participantes. O estudo foi registrado na Plataforma Brasil, obtendo aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob parecer nº 7.403.578**.**

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa apresenta uma amostra de 50 mulheres trabalhadoras do Sistema Único de Saúde (SUS) do município de Cuité, PB que para atender ao objetivo deste estudo de observar a relação entre a intensidade dos sintomas climatéricos e a capacidade para o trabalho, responderam questionário das características sociodemográficas, Escala Climatérica de Greene

e do Índice de Capacidade de Trabalho.

3.1 Caracterização ocupacional e sociodemográfica das participantes da pesquisa

A caracterização ocupacional das mulheres participantes do estudo está apresentada na Tabela 1, em que foi realizada uma análise descritiva com frequência absoluta e relativa com as seguintes profissões: Agente Comunitária de Saúde, Auxiliar de Cozinha, Auxiliar de Serviços Gerais, Auxiliar de Farmácia, Copeira, Cozinheira, Enfermeira, Farmacêutica, Fisioterapeuta, Recepcionista, Técnica de Enfermagem, Técnica de Saúde Bucal e Secretária Executiva.

Tabela 1 - Ocupação profissional das trabalhadoras climatéricas do SUS participantes da pesquisa. Cuité, Paraíba, Brasil, 2025 (n=50).

CATEGORIAS PROFISSIONAIS	**n**	**%**
Agente Comunitária de Saúde	8	16%
Auxiliar de cozinha	1	2%
Auxiliar de Serviços Gerais	10	20%
Auxiliar de Farmácia	1	2%
Copeira	1	2%
Cozinheira	4	8%
Enfermeira	4	8%
Farmacêutica	1	2%
Fisioterapeuta	1	2%
Recepcionista	6	12%
Técnica de Enfermagem	7	14%
Técnica de Saúde Bucal	5	10%
Secretária Executiva	1	2%
Total	**50**	**100%**

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

A tabela evidencia a predominância de trabalhadoras em cargos de apoio e operacionais, como Auxiliar de Serviços Gerais (20%) e Agente Comunitária de Saúde (16%). Esses cargos costumam exigir maior esforço físico, o que pode influenciar a vivência dos sintomas climatéricos no ambiente de trabalho. Brewis (2022) destaca que ocupações que não exigem maior nível de educação tornam a vivência do climatério mais difícil, sobretudo em ambientes de trabalho inadequados, reforçando que a natureza física das tarefas influencia diretamente a intensificação dos sintomas.

As profissões que exigem nível superior como Enfermagem (8%), Farmácia (2%) e Fisioterapia (2%), tem menor representatividade no estudo, ratificado pelatabela 2, que apresenta o nível intermediário de ensino como predominante entre as participantes, e que de acordo com Emílio *et al*. (2020), limita o acesso a cargos mais qualificados.

A tabela 2 destaca as características sociodemográficas, clínica e terapêutica das participantes da pesquisa, com frequência absoluta e relativa, incluindo: faixa etária, estado civil, renda mensal, escolaridade, filhos, idade da menopausa e terapia de reposição hormonal.

Tabela 2 - Características sociodemográficas, clínica e terapêutica das trabalhadoras climatéricas do SUS participantes da pesquisa. Cuité, Paraíba, Brasil, 2025 (n=50).

CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS	**n**	**%**
FAIXA ETÁRIA		
Entre 40-44	17	34%
Entre 45-49	12	24%
Entre 50-54	12	24%
55 ou mais	9	18%
ESTADO CIVIL		
Solteira	23	46%
Casada	16	32%
Divorciada	8	16%
Viúva	3	6%
RENDA MENSAL		
≤ Salário Mínimo	24	48%
Dois salários mínimos	10	20%
> Dois salários mínimos	9	18%
Não respondeu	7	14%
ESCOLARIDADE		
Ensino Fundamental Incompleto	7	14%
Ensino Médio Completo	28	56%
Ensino Superior Completo	11	22%
Não respondeu	4	8%
IDADE DA MENOPAUSA (característica clínica)		
Ainda não alcançou a menopausa	30	60%
Menor que 40 anos	1	2%
40-44 anos	3	6%

45-49 anos	6	12%
50-55 anos	6	12%
Histerectomia	3	6%
Não sabe	1	2%
TERAPIA DE REPOSIÇÃO HORMONAL (característica terapêutica)		
Sim	4	8%
Não	46	92%
Total	**50**	**100%**

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Na amostra, a maioria das participantes está na faixa etária entre 40 e 49 anos (58%), faixa considerada estratégica para o surgimento e intensificação dos sintomas do climatério. Esse perfil encontra-se em consonância com os dados de Lui Filho *et al.* (2015), que, em uma amostra de 749 mulheres de 45 a 60 anos, encontraram uma idade média menopausal de 46,5 anos. Esse dado reforça que a faixa etária da pesquisa concentra mulheres em transição climatérica, quando os sintomas são mais prevalentes.

Em relação ao estado civil das participantes, observou-se predominância de mulheres solteiras (46%), seguidas das casadas (32%). Esse dado difere dos achados de Serpa *et al.* (2016), que encontraram maior frequência de mulheres casadas (49,6%). Assim como no estudo de Filho e Lopes (2022), em que 72,72% das mulheres também eram casadas, os autores ainda mencionam que mulheres solteiras, muitas vezes com menor suporte familiar, podem apresentar maior vulnerabilidade psicoemocional no climatério.

O suporte familiar desempenha um papel essencial nesse contexto, pois a compreensão e o incentivo de pessoas próximas ajudam a reduzir a sensação de isolamento e insegurança, contribuindo para um enfrentamento mais positivo (Tissiani *et al*., 2025). Essa diferença entre os achados também pode ser explicada com variações regionais e contextos culturais distintos.

A maioria das participantes da pesquisa possui renda mensal menor ou igual a um salário mínimo (48%), seguidas de mulheres que ganham dois salários mínimo (10%). Os resultados corroboram o apresentado por Meira *et al*. (2020), no qual as mulheres climatéricas afirmaram receber de 1 até 2 salários mínimos. Lui Filho *et al*. (2015) na análise populacional em região metropolitana do sudeste brasileiro, apontou uma associação significativa entre renda familiar menor e sintomas climatéricos mais intensos.

Quanto ao nível de escolaridade, grande parte das trabalhadoras possui ensino médio completo (56%), seguido de ensino superior completo (22%). De acordo Souza *et al*. (2022),

esse grau de escolaridade é associado à maior busca por informações e tratamento dos sintomas do climatério, embora ainda limite acesso a terapias específicas. Esse aspecto é refletido nos resultados da tabela 2, que apontam que 92% das mulheres entrevistadas não faziam Terapia de Reposição Hormonal.

Esses achados corroboram estudo mais antigo, mas que demonstra que mulheres com maior escolaridade ou de classes socioeconômicas mais elevadas apresentaram maior probabilidade de utilizar a Terapia de Reposição Hormonal (Neto *et al.*, 2002). A declaração de Posicionamento da Sociedade Norte-Americana de Menopausa (NAMS, 2022) reafirma que a TRH continua sendo o tratamento mais eficaz para os sintomas vasomotores e a síndrome geniturinária da menopausa, além de prevenir perda óssea e fraturas.

Em relação à idade da menopausa, a maioria das mulheres entrevistadas (60%) ainda não alcançou a menopausa, o que indica que grande parte da amostra se encontra na fase de transição. A menopausa precoce, que ocorre antes dos 40 anos (FEBRASGO, 2010), foi relatada por apenas 1 mulher (2%), o que está ligeiramente abaixo da média esperada na população geral, estimada entre 5% e 7,9% (Pedro *et al*., 2003; Brasil, 2025).

As faixas etárias de menopausa entre 45 e 55 anos representaram 24% das participantes, o que está de acordo com os achados de Lui Filho *et al*. (2015), Pedro *et al*. (2003) e Pompei *et al*. (2022), que apontam essa faixa como a mais prevalente para a menopausa natural. Além disso, 3 mulheres (6%) relataram menopausa induzida por histerectomia, condição que pode antecipar o surgimento dos sintomas climatéricos, sobretudo se acompanhada de ooforectomia (Aldrighi *et al*., 2009). Por fim, 1 mulher (2%) afirmou não saber a idade da menopausa, o que pode ocorrer por esquecimento ou por desconhecimento do conceito de menopausa.

Dessa forma, o perfil sociodemográfico, clínico e terapêutico das trabalhadoras do SUS que estão no período climatérico do município de Cuité é composto majoritariamente por mulheres na faixa etária de 40-49 anos, solteiras, com ensino médio completo, salário mínimo, em perimenopausa, e que não fazem uso de TRH. Tais resultados evidenciam um conjunto de vulnerabilidades socias que podem potencializar a intensidade dos sintomas do climatério e comprometer a capacidade de trabalho.

3.2 Escala Climatérica de Greene

A Tabela 3 representa a avaliação da sintomatologia climatérica pela Escala Climatérica de Greene, que foi aplicada para avaliar a intensidade e frequência dos sintomas vasomotores, somáticos, psicológicos e sexuais entre as mulheres trabalhadoras do SUS. As participantes

responderam ao questionário que continha 21 itens, sendo um questionário autoaplicável com cada sintoma avaliado em uma escala Likert de 4 pontos, nenhum (0), leve (1), moderado (2) e grave (3).

Tabela 3 - Escores avaliativos da sintomatologia climatérica pela Escala Climatérica de Greene, segundo medidas estatísticas descritivas. Cuité, Paraíba, Brasil, 2025 (n=50).

ESCALA CLIMATÉRICA DE GREENE					
SINTOMAS	**n**	**Mínimo**	**Máximo**	**Média**	**dp**
Ondas de calor	50	0	3	1,36	1,102
Suor noturno	50	0	3	1,00	1,178
Pressão ou aperto na cabeça	50	0	3	1,34	1,062
Dor nos músculos ou nas juntas	50	0	3	1,42	1,071
Partes do corpo dormentes ou formigando	50	0	3	0,76	0,916
Dores de cabeça	50	0	3	1,34	1,062
Sentindo-se tonta ou desmaio	50	0	2	0,70	0,839
Dificuldade para respirar	50	0	3	0,46	0,862
Perda da sensação dos pés e das mãos	50	0	3	0,40	0,782
Sentindo-se tensa ou nervosa	50	0	3	1,04	0,947
Ataques de pânico	50	0	2	0,12	0,385
Coração batendo rápido ou forte	50	0	3	0,98	1,059
Se agitar rapidamente	50	0	3	0,94	1,018
Dificuldade em dormir	50	0	3	1,18	1,044
Dificuldade em se concentrar	50	0	3	1,06	1,018
Sentindo-se infeliz ou depressiva	50	0	3	0,66	0,872
Perda de interesse nas coisas	50	0	3	0,82	0,896
Irritável	50	0	3	1,36	0,898
Crises de choro	50	0	3	0,84	1,076
Sentindo-se cansada e sem energia	50	0	3	1,46	0,930
Perda de interesse no sexo	50	0	3	1,42	1,090

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

dp = desvio-padrão

A utilização das medidas descritivas, como valores mínimo e máximo, média e desvio padrão, possibilitou uma visão clara da variabilidade das respostas, permitindo identificar a intensidade média dos sintomas. A média indica a tendência central, enquanto o desvio padrão demonstra a heterogeneidade das experiências relatadas.

Os resultados descritivos demonstraram que os sintomas mais intensamente referidos foram aqueles de natureza somática e vasomotora, com destaque para cansaço e falta de energia (M = 1,46; DP = 0,93), dor nos músculos ou articulações (M = 1,42; DP = 1,07), perda de interesse no sexo (M = 1,42; DP = 1,09), ondas de calor (M = 1,36; DP = 1,10), irritável (M =

1,36; DP = 0,089) pressão ou aperto na cabeça (M = 1,34; 1; DP = 1,06) e dores de cabeça (M = 1,34; DP = 1,06). Esses achados evidenciam a predominância de sintomas somáticos e vasomotores, sendo recorrentes também os sintomas psicológicos e sexuais, o que é coerente com o perfil ocupacional das mulheres entrevistadas.

No estudo de Syal *et al.* (2021) realizado no norte da Índia utilizando a ECG, também foi visto que os sintomas mais referidos foram dor nos músculos ou nas articulações, perda de interesse no sexo e dores de cabeça. Assim como no estudo de Lui Filho *et al* (2015), que destaca a presença de sintomas vasomotores e somáticos em mulheres climatéricas.

Estudos indicam que os sintomas vasomotores são as queixas mais frequentes com efeito negativo no trabalho (Verdonk, 2022; Whiteley *et al*., 2022).

O desvio padrão elevado em sintomas como suor noturno (DP = 1,178), ondas de calor (DP = 1,102), perda de interesse no sexo (DP = 1,090) e crises de choro (DP = 1,076) indica grande variabilidade individual na experiência sintomática, possivelmente influenciada por fatores biopsicossociais, condições de trabalho, suporte emocional, entre outros.

Esses dados da pesquisa demonstraram a complexidade do climatério, que afeta simultaneamente a dimensão física, psíquica e social das mulheres entrevistadas.

Tabela 4 - Análise da subescala climatérica de sintomas da Escala Climatérica de Greene, segundo medidas estatísticas descritivas. Cuité, Paraíba, Brasil, 2025 (n=50).

SUBESCALA CLIMATÉRICA DE GREENE					
	n	**Mínimo**	**Máximo**	**Média**	**dp**
Sintomas vasomotores	50	0	6	2,36	2,087
Sintomas somáticos	50	0	19	6,42	4,594
Sintomas psicológicos - Ansiedade	50	0	16	5,32	3,473
Sintomas psicológicos - Depressão	50	0	15	5,14	3,482
Sintomas Sexuais	50	0	3	1,42	1,090

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

A Escala Climatérica de Greene, além de fornecer um escore total, possibilita a análise da sintomatologia dividida em subgrupos: sintomas vasomotores, somáticos, psicológicos e sexuais. Embora esse instrumento não tenha passado por um processo formal de validação específico para a população brasileira, ela já foi amplamente adaptada e consolidada pelo uso contínuo, sendo frequentemente empregada em pesquisas.

Um estudo realizado com mulheres portuguesas confirmou a estrutura desses quatro domínios, reforçando a aplicabilidade do instrumento em diferentes contextos culturais (Raposo *et al*, 2012). Dessa forma, a escala tem se mostrado útil para o acompanhamento da intensidade

e frequência dos sintomas do climatério.

Sendo assim, os sintomas somáticos foram os que obtiveram maior predominância , como mostrado na tabela 4 (M=6,42; DP=4,59), com destaque para dores musculares ou nas juntas e cefaleia. Tais manifestações podem estar relacionadas ao perfil da amostra majoritariamente composta por mulheres em cargos operacionais e com esforço físico, como Agente Comunitária de Saúde e Auxiliar de Serviços Gerais. Esses achados encontram respaldo com o estudo de Lorenzi *et al*. (2005) qual 77,5% das mulheres relataram artralgia e mialgia como queixas frequentes, reforçando o impacto dos sintomas somáticos mesmo em contextos diferentes dos das trabalhadoras do SUS.

No que se refere aos sintomas psicológicos, representados pelos itens 10-20, observou-se média de 5,32 (DP = 3,473) para ansiedade e 5,14 (DP = 3,482) para depressão. Ressalta-se, contudo, que os valores médios apresentados entre os diferentes domínios não são diretamente comparáveis, uma vez que cada subescala possui número distinto de itens, o que pode influenciar os resultados obtidos. Assim, a análise deve ser entendida dentro de cada domínio, descrevendo-se quais sintomas tiveram maior expressão em cada grupo, sem pressupor comparação direta entre eles.

Entre os sintomas psicológicos, sentindo-se cansada e sem energia (M = 1,46) irritabilidade (M = 1,36) e dificuldade para dormir (M = 1,18) foram os mais citados, resultados semelhantes aos encontrados no estudo de Yong *et al.* (2024) e Malheiros *et al.* (2014).

Segundo Oliveira *et al*. (2024), as alterações hormonais características do climatério impactam diretamente os neurotransmissores cerebrais, favorecendo sintomas como depressão, ansiedade e distúrbios do sono. Além disso, fatores como baixa escolaridade, sobrecarga de trabalho e ausência de suporte emocional contribuem para intensificar o sofrimento psicológico nessa fase.

Entre os sintomas vasomotores, as ondas de calor (M = 1,36) e suor noturno (M = 1,00) apresentaram as maiores médias, indicando que apenas algumas mulheres possuem esses sintomas de forma intensa. Apesar desses resultados, os mesmos ainda corroboram com achados de estudos populacionais como Pertynska e Pertynska, (2024) e Yuksel *et al*. (2024), que identificam esses como os principais sintomas do climatério.

No Brasil, em diferentes regiões como São Luís (MA), foi observada uma prevalência de 77,8% para esses sintomas (ondas de calor e suor noturno), com fogachos em 56,4% e sudorese intensa em 50,4% das mulheres, conforme apontam Malheiros *et al*. (2014). Ainda segundo Yuksel *et al*. (2024), tais manifestações podem ter impacto no sono, humor e produtividade no trabalho, especialmente quando não acompanhadas por suporte clínico

terapêutico.

A perda de interesse no sexo como sintoma sexual também representa média significativa nos resultados da pesquisa (M = 1,42) demonstrando que esse aspecto da saúde sexual é uma queixa relevante entre as mulheres participantes. Esse dado evidencia que as alterações hormonais do climatério, especialmente a queda nos níveis de estrogênio, podem afetar diretamente o desejo sexual, gerando impacto na qualidade de vida, nos relacionamentos conjugais e na autoestima (FEBRASCO, 2024).

Segundo Teles *et al.* (2012), o que caracteriza o período do climatério são justamente os transtornos sexuais, associados ao hipoestrogenismo e à redução dos níveis de testosterona. A dificuldade sexual pode ser atribuída à atrofia vaginal, que inclui o afinamento do epitélio, perda da rugosidade e diminuição da lubrificação natural, fatores que tornam o ato sexual desconfortável ou indesejado. Além disso, a perda no interesse sexual não deve ser analisada isoladamente, pois frequentemente está associada a outros sintomas do climatério, como irritabilidade, cansaço e insônia, formando um quadro complexo de mudança biopsicossociais (Silva; Araújo; Silva, 2003).

Tabela 5 - Classificação dos níveis de sintomatologia da Escala Climatérica de Greene. (n=50). Cuité, Paraíba, Brasil, abril de 2025 (n=50).

SUBESCALA CLIMATÉRICA DE GREENE		
	n	**%**
Pouco sintomáticas	27	54%
Muito sintomáticas	23	46%
Total	50	100%

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Como a Escala Climatérica de Greene não possui pontos de corte formalmente definidos na literatura brasileira, para a classificação das participantes em relação à intensidade dos sintomas climatéricos, os escores foram classificados adotando a metodologia utilizada no estudo de Silveira *et al*. (2007) que classificou mulheres com escores abaixo de 20 na Escala Climatérica de Greene como pouco sintomáticas e aquelas acima de 20 como muito sintomáticas. Assim, as mulheres desta pesquisa foram categorizadas em: pouco sintomáticas (0-20 pontos) e muito sintomáticas (21-63 pontos), considerando o escore total da ECG.

Nesse sentido, a tabela 5 apresenta a classificação das participantes segundo os níveis de sintomatologia da Escala Climatérica de Greene, demonstrando que 46% das mulheres

trabalhadoras avaliadas foram classificadas como muito sintomáticas, enquanto 54% apresentaram-se pouco sintomáticas.

Esse achado é relevante por evidenciar que quase metade da amostra vivencia sintomas climatéricos de forma intensa, o que pode comprometer sua qualidade de vida, bem-estar e desempenho funcional.

A alta prevalência de mulheres no climatério sintomáticas reforça a necessidade de políticas públicas voltadas à saúde da mulher climatérica, sobretudo em ambientes de trabalho. Conforme aponta o Ministério da Saúde, embora a Política Nacional de Saúde da Mulher reconheça o climatério como uma fase que demanda cuidados específicos, ainda há insuficiência de ações voltadas para o manejo de seus efeitos no campo ocupacional. Além disso, a inexistência de pontos de corte padronizados para a ECG na realidade brasileira dificulta a uniformização dos dados e a comparação entre estudos, o que destaca a importância de adaptações metodológicas como a empregada nesta pesquisa (Silveira *et al*., 2007).

Por fim, o fato de mais de 45% das participantes apresentarem-se muito sintomáticas, sinaliza para a urgência de estratégias institucionais que promovam acolhimento, a exemplo de políticas de acolhimento e escuta qualificada, flexibilização de jornadas de trabalho com pausas estratégicas e criação de grupos de apoio no trabalho, que visem à promoção da saúde integral dessas mulheres e à redução de possíveis impactos sobre sua capacidade de trabalho.

3.3 Índice de Capacidade para o Trabalho

Além da Escala Climatérica de Greene utilizada na pesquisa, também foi utilizado o Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT), uma ferramenta abrangente que demonstra a influência das atividades físicas, mentais e organizacionais e como influenciam o desempenho funcional do trabalhador, considerando sua percepção de saúde, exigências da função e contexto sociolaboral (Tuomi *et al.,*1998).

O ICT permite identificar vulnerabilidades e orientar estratégias de promoção da saúde ocupacional. Pode ser aplicado em diferentes momentos da vida profissional, inclusive no ingresso no trabalho, funcionando como um recurso de acompanhamento e planejamento para preservar ou recuperar a aptidão laboral ao longo da carreira (Tuomi *et al*., 2005).

A tabela a seguir apresenta a classificação das participantes segundo o Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT).

Tabela 6 - Distribuição das participantes segundo o Índice de Capacidade para o Trabalho. Cuité,

Paraíba, Brasil, 2025 (n=50).

CLASSIFICAÇÃO DO ÍNDICE DE CAPACIDADE DE TRABALHO		
	n	**%**
Baixa	3	6%
Moderada	15	30%
Boa	22	44%
Ótima	10	20%
Total	50	100%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2025.

Observa-se que a maioria das mulheres foi classificada com boa capacidade para o trabalho (44%), 30% com capacidade moderada, 20% apresentaram capacidade ótima, e apenas 6% foram classificadas com baixa capacidade para o trabalho. Esses resultados evidenciam que, embora grande parte da amostra ainda mantenha uma percepção relativamente positiva sobre sua capacidade para o trabalho, há um percentual significativo com níveis reduzidos, o que pode estar relacionado ao impacto dos sintomas do climatério no ambiente ocupacional.

Além disso, o índice moderado, presente em 30% das participantes, pode ser entendido como um sinal de alerta, pois trata-se de um grupo que ainda possui capacidade para o trabalho preservada, mas que já apresenta indícios de comprometimento e pode evoluir para uma menor capacidade de trabalho caso não receba suporte adequado.

De acordo com os critérios do Índice de Capacidade para o Trabalho, os resultados obtidos indicam a necessidade de implementar estratégias em diferentes níveis: restaurar a capacidade para o trabalho de mulheres classificadas com pontuação baixa, melhorar a daquelas com capacidade moderada, apoiar as que apresentam boa capacidade e, por fim, manter a capacidade das trabalhadoras classificadas com desempenho ótimo. Essas ações são fundamentais para promover saúde ocupacional e bem-estar no ambiente de trabalho (Humeniuk *et al*., 2019).

3.4 Correlação entre Escala Climatérica de Greene e Índice de Capacidade para o Trabalho

Tabela 7 - Correlação de Spearman entre a classificação do Índice de Capacidade para o Trabalho e a Escala Climatérica de Greene. Cuité, Paraíba, Brasil, 2025 (n=50).

CORRELAÇÃO DE SPEARMAN

Variáveis	Classificação do Índice de Capacidade de Trabalho		Classificação da Escala Climatérica de Greene
Classificação do Índice de Capacidade de Trabalho	Coeficiente de Correlação **(ρ)**	1,000	**-0,344**
	p		**0,014**
	N	50	50
Classificação da Escala Climatérica de Greene	Coeficiente de Correlação **(ρ)**	**-0,344**	1,000
	p	**0,014**	
	N	50	50

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Com o objetivo geral da pesquisa de analisar a intensidade dos sintomas do climatério e sua relação com a capacidade de trabalho entre trabalhadoras do Sistema Único de Saúde (SUS) do município de Cuité na fase climatérica, foi feita a correlação entre a classificação da Escala Climatérica de Greene e a classificação do Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT), a qual apresentou um coeficiente de Spearman (ρ) de -0,344, com valor de significância de p = 0,014, indicando uma correlação negativa de intensidade fraca e estatisticamente significativa ($p < 0,05$).

Esse resultado reforça a hipótese de que quanto maior a intensidade dos sintomas do climatério, menor tende a ser a capacidade para o trabalho entre as mulheres avaliadas**,** comprometendo seu desempenho profissional e bem-estar.

Embora a correlação seja de intensidade fraca, ela indica que o impacto dos sintomas climatéricos sobre a capacidade de trabalho é suficientemente relevante para merecer atenção institucional, principalmente em ambientes públicos de saúde onde a sobrecarga de trabalho é frequente.

Sintomas climatéricos como ondas de calor, dificuldades de concentração e memória, fadiga, alterações de humor, baixa autoestima, insônia e irritabilidade têm sido descritos como os que mais impactam o ambiente laboral, interferindo diretamente na produtividade e na qualidade de vida no trabalho (Jafari; Seifi; Heidari, 2017). Além disso, o acúmulo de tarefas, o estresse ocupacional e a ausência de suporte institucional podem intensificar as manifestações do climatério, especialmente em atividades que exigem alta demanda física ou emocional, como apontado por Silva *et al*. (2021).

Esses resultados são corroborados por Todorova *et al.* (2023), que demonstraram que

mulheres com sintomas vasomotores moderados a graves apresentaram uma redução média de 28,68% na produtividade (presenteísmo), 4,41% de absenteísmo e um comprometimento médio global de 30,41% no trabalho, além de 39,28% nas atividades diárias. Tais achados evidenciam que, mesmo permanecendo ativas em seus postos de trabalho, muitas mulheres enfrentam dificuldades funcionais significativas. Resultados semelhantes também são encontrados em Safwan *et al.* (2024).

Recentemente, a Câmara dos Deputados passou a analisar o Projeto de Lei 4504/24, que institui uma Política Nacional de Atenção Integral à Saúde e Qualidade de Vida de Mulheres na Menopausa e climatério, incluindo medidas voltadas ao ambiente de trabalho e suporte psicossocial no SUS (Brasil, 2025). Entretanto, tal iniciativa ainda não se traduz em diretrizes claras ou programas específicos para acompanhar e monitorar a capacidade de trabalho durante essa fase.

A Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora do Ministério da Saúde, instituída pela Portaria GM/MS n.º 1.823/2012, promove atenção integral à saúde do trabalhador, mas não contempla explicitamente ações direcionadas às demandas do climatério entre as mulheres trabalhadoras (Brasil, 2012)

Assim, destaca-se a urgência de ações intersetoriais que envolvam suporte e estratégias clínicas adequadas para promover a saúde integral e a permanência produtiva dessas trabalhadoras em seus ambientes de trabalho.

Este estudo traz resultados importantes para evidenciar a interseccionalidade vivida pelas mulheres climatéricas e o impacto na capacidade funcional, mas apontam-se limitações do estudo, por setratar de uma análise bivariada, não há inclusão de outras variáveis que podem influenciar tanto nos sintomas climatéricos como na capacidade para o trabalho, fatores de confusão para a análise em questão.

4 CONCLUSÃO

A análise dos dados da pesquisa demonstrou que os sintomas do climatério estão presentes de forma significativa entre as mulheres trabalhadoras do SUS no município de Cuité, influenciando diretamente na sua capacidade de trabalho. Os principais sintomas do climatério relatados nesse estudo são: cansaço e falta de ar, dor nos músculos ou articulações, perda de interesse no sexo, ondas de calor, pressão ou aperto na cabeça e dores de cabeça.

Em relação à capacidade de trabalho, observou-se que a maioria das participantes apresentou boa e moderada capacidade para o trabalho, com a correlação de Spearman

indicando uma correlação negativa de intensidade fraca e estatisticamente significativa.

Dessa forma, os dados da pesquisa se alinham ao objetivo proposto, ao demonstrar que os sintomas do climatério influenciam negativamente a capacidade para o trabalho das mulheres climatéricas trabalhadoras do SUS do município de Cuité.

A correlação negativa de intensidade fraca, embora não represente uma relação causal direta, revela um padrão significativo que deve ser considerado na formulação de políticas públicas voltadas à saúde da mulher trabalhadora no SUS.

Além dos resultados demonstrados nesta pesquisa, durante a realização da coleta de dados, foi possível perceber, de forma subjetiva, que algumas participantes demonstravam certo receio em relatar impactos negativos relacionados à sua capacidade para o trabalho. Essa postura pode estar associada a fatores como autoproteção, preservação da imagem profissional e o receio de demonstrar vulnerabilidades frente ao seu papel ocupacional. Em certos casos, observou-se uma tendência à minimização de sintomas ou à negação de limitações funcionais, o que podem ter influenciado as respostas, dificultando a total transparência no autorrelato.

Observou-se no desenvolvimento da pesquisa, que estudos sobre a capacidade de trabalho de mulheres climatéricas trabalhadoras do SUS são escassos no Brasil. A maior parte da literatura nacional concentra-se em aspectos clínicos ou endocrinológicos, sem explorar o impacto ocupacional e funcional dessa fase de vida, especialmente entre trabalhadoras do SUS. Essa lacuna impede a compreensão plena das condições laborais vivenciadas por essa população alvo, comprometendo o desenvolvimento de estratégias de saúde ocupacional adequadas.

Há necessidade urgente de ampliar os estudos brasileiros interdisciplinares com enfoque ocupacional, de modo a subsidiar políticas públicas que garantam condições de trabalho mais humanas, equitativas e saudáveis para mulheres trabalhadoras do SUS no climatério.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. Mulheres na menopausa: invisibilidade deixa tratamento fora da agenda pública. Bárbara Gonçalves. Brasília, 22 nov. 2024. Disponível em:<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2024/11/mulheres-na-menopausa-invisibilidade-deixa-tratamento-fora-da-agenda-publica?utm_source=chatgpt.com>. Acesso em: 27 ago. 2025.

ALDRIGHI, J. M. *et al.* Ooforectomia profilática na histerectomia por agravo uterino benigno: evidências atuais. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 55, n. 3, p. 236–237, 2009. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-42302009000300005.

ALVES , J. M. P. .; DAS NEVES, D. B. S. . Instrumentos de avaliação da síndrome do climatério: uma revisão integrativa. **Revista Científica Integrada**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. e–202322, 2023. DOI: 10.59464/2359-4632.2023.3083. Disponível em: <https://revistas.unaerp.br/rci/article/view/3083>. Acesso em: 01 ago. 2024.

AMORIM, Eliene. Climatério, Menopausa: desafios na vida pessoal e profissional da mulher. **Revista Acadêmica Oswaldo Cruz.** Ano 6, n.21 janeiro-março, 2019. ISSN 2357-8173 (versão on-line). Disponível em: <https://www.oswaldocruz.br/revista_academica/edicoes/Edicao_21/index.html>. Acesso em: 01 ago. 2024.

AMORIM, Karla Patrícia Cardoso. Ética em pesquisa no sistema CEP-CONEP brasileiro: reflexões necessárias. Ciencia & saude coletiva, v. 24, p. 1033-1040, 2019. doi: 10.1590/1413-81232018243.35292016. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/csc/2019.v24n3/1033-1040/pt>. Acesso em 01 set. 2024.

BIREME. Estudos transversais. Notas Técnicas – Metodologia LILACS. São Paulo: **BIREME/OPAS/OMS**, 2021. Disponível em: https://lilacs.bvsalud.org/guias-e-manuais/docs/metodologia-lilacs-manual-de-indexacao-de-documentos-para-bases-de-dados-bibliograficas/notas-tecnicas/08-21-estudos-transversais/. Acesso em: 3 ago. 2025.

BRASIL. Agência IBGE notícias. IBGE/Diretoria de Pesquisas. Tábua Construída no âmbito da Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica. **Estatísticas Sociais**, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/38455-em-2022-expectativa-de-vida-era-de-75-5-anos>. Acesso em: 12 ago. 2024.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto institui política de atenção à saúde de mulheres na menopausa**. 2025. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/secretarias/secretaria-da-mulher/noticias/projeto-institui-politica-de-atencao-a-saude-de-mulheres-na-menopausa. Acesso em: 28 jul. 2025.

BRASIL. Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares. **Cerca de 30 milhões de mulheres são afetadas pela menopausa precoce no Brasil.** Disponível em: https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-nordeste/hupes-ufba/comunicacao/noticias/cerca-de-30-milhoes-de-mulheres-sao-afetadas-pela-menopausa-precoce-no-brasil. Acesso em: 28 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadastro Nacional dos Estabelecimentos de Saúde do Brasil (CNES)**, 2024. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?cnes/cnv/estabpb.def>. Acesso em: 01 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n° 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 59, 13 jun. 2013. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 01 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde: **Valorização das trabalhadoras do SUS é pauta fundamental para consolidação das políticas públicas de saúde**, 2024. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/3343-valorizacao-das-trabalhadoras-do-sus-e-pauta-fundamental-para-consolidacao-das-politicas-publicas-de-saude>. Acesso em: 12 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes /** Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_atencao_mulher.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n.º 1.823, de 23 de agosto de 2012. **Institui a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).** Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt1823_23_08_2012.html. Acesso em: 28 jul. 2025.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Mulheres no Mercado de Trabalho: Uma Evolução Constante Rumo à Igualdade,** 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Marco/mulheres-no-mercado-de-trabalho-uma-evolucao-constante-rumo-a-igualdade>. Acesso em: 08 ago. 2024.

BRESSIANI, P. F.; SILVA, G. F. W. da ; CORRÊA, M da S. Efeitos do estrogênio sobre a cognição da mulher em menopausa. **Revista Neurociências**, v. 30, p. 1-25, 2022. DOI: 10.34024/rnc.2022.v30.12006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/360979170_Efeitos_do_estrogenio_sobre_a_cognicao_da_mulher_em_menopausa>. Acesso em: 03 ago. 2024.

BREWIS, Jo. Menopausa no espaço de trabalho brasileiro: agenda de pesquisa para estudiosos de gestão e estudos organizacionais. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 62, n. 4, p. 1-7, 2022. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020220408x. Acesso em: 16 ago. 2024.

COSTA, B. M.; REIS, O. H. B. Análise do Índice de Capacidade para o Trabalho em uma Cooperativa de Laticínios. In: FUNDAÇÃO DE ENSINO E PESQUISA DO SUL DE MINAS (FEPESMIG). **Anais do evento**. 30 nov. 2018. Disponível em: http://repositorio.unis.edu.br/handle/prefix/774. Acesso em: 13 set. 2024.

DE LORENZI, D. R. S. *et al*. Fatores indicadores da sintomatologia climatérica. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 27, n. 1, p. 7–11, jan. 2005.

DURAN, E. C. M.; COCCO, M. I. M. Capacidade para o Trabalho entre trabalhadores de enfermagem do pronto-socorro de um hospital universitário. **Revista Latino- Americana de Enfermagem**, v. 12, n. 1, p.43-49, fev. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/SM8V9pD83VBYXxKQRsNtFgj/?format=pdf>. Acesso em: 13 set 2024.

EMÍLIO, M. M. *et al.* Perfil sociodemográfico, morbidades referidas, bem-estar e trabalho remunerado de mulheres: estudo populacional. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no**

Contexto Social – REFACS, Uberaba, v. 8, n. 2, p. 177–188, abr./jun. 2020. DOI: https://doi.org/10.18554/refacs.v8i2.4521.

FEBRASGO – Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia. Perda do desejo sexual no climatério: um fenômeno fisiológico? **Caderno Científico, Revista Femina,** v. 52, n. 7, 2024. Disponível em: https://www.febrasgo.org.br/media/k2/attachments/Femina_07_2025.pdf. Acesso em: 24 jun. 2025.

Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO). **Manual de orientação em climatério**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5195884/mod_resource/content/1/Manual_Climaterio.pdf>. Acesso em: 30 Jul. 2024.

FILHO, J. C. L. C. de M.; LOPES, I. M. R. S. Qualidade de vida de mulheres no climatério na atenção básica de saúde. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 10, e250111032814, jul. 2022. DOI: https://doi.org/10.33448/rsd-v11i10.32814.

FILHO, J. F. L. et al. Epidemiologia da menopausa e dos sintomas climatéricos em mulheres de uma região metropolitana no sudeste do Brasil: inquérito populacional domiciliar. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 4, p. 152-158, 2015. DOI: https://doi.org/10.1590/SO100-720320150005282. Acesso em: 16 ago. 2024.

FONSECA, T. C. *et al.* Qualidade de vida do profissional de enfermagem. **Revista Rene**, v. 15, n. 2, p. 214-220, mar-abr, 2014. DOI: 10.15253/2175-6783.2014000200005. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/3125/2399>. Acesso em: 15 ago. 2024.

GALLON, C. W.; WENDER, M. C. O**.** Estado nutricional e qualidade de vida da mulher climatérica. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 4, p. 175-183, abr. 2012. DOI: S0100-7203(12)03400407. Acesso em: 28 ago. 2025.

GEUKES, M. *et al*. The impact of menopause on work ability in women with severe menopausal symptoms. **Maturitas**, v. 90, p. 3-8, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.maturitas.2016.05.001>. Acesso em: 08 ago. 2024.

GREENE, J. G. Constructing a standard climacteric scale. **Maturitas**, v. 61, n. 1-2, p. 78–84, 2008. DOI: 10.1016/j.maturitas.2008.09.011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19434881/>. Acesso em: 13 set. 2024.

HUMENIUK, E. *et al.* Effect of symptoms of climacteric syndrome, depression and insomnia on self-rated work ability in peri- and post-menopausal women in non-manual employment. **Annals of Agricultural and Environmental Medicine**, Lublin, v. 26, n. 4, p. 600-605, 2019. DOI 10.26444/aaem/112838. Disponível em: <https://www.aaem.pl/Effect-of-symptoms-of-climacteric-syndrome-depression-and-insomnia-on-self-rated,112838,0,2.html>. Acesso em: 01 set. 2024.

HUNTER, Myra S. *et al*. Study protocol of a multicentre randomised controlled trial of self-help cognitive behaviour therapy for working women with menopausal symptoms. **Maturitas**, v. 92, p. 186-192, 2016. ISSN 0378-5122. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.maturitas.2016.07.020>. Acesso em: 11 ago. 2024.

IBGE. Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. 3. ed. **Estudos e Pesquisas**. Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 38. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. ISBN 978-85-240-4605-6. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102066_informativo.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **População, Censo 2022**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal>. Acesso em: 08 ago. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **População, Censo 2022**. Disponível em:<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 01 set. 2024.

JAFARI, M.; SEIFI, B.; HEIDARI, M. Risk assessment: factors contributing to discomfort for menopausal women in workplace. **Journal of Menopausal Medicine**, v. 23, n. 2, p. 85-90, agosto 2017. DOI: <https://doi.org/10.6118/jmm.2017.23.2.85>. Acesso em: 05 ago. 2024.

JUNIOR, S. H. A. S. *et al*. Validade e confiabilidade do índice de capacidade para o trabalho (ICT) em trabalhadores de enfermagem. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 6, p. 1077-1087, jun. 2011. DOI:10.1590/S0102-311X2011000600005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/YGBCJSbGYq8jcCN3bjTh3Bb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 set. 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LUI FILHO, J. F. *et al*. Epidemiologia da menopausa e dos sintomas climatéricos em mulheres de uma região metropolitana no sudeste do Brasil: inquérito populacional domiciliar. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 37, n. 4, p. 152–158, abr. 2015.

MACHADO, José. Metodologias de pesquisa: um diálogo quantitativo, qualitativo e quali-quantitativo. **Devir Educação**, 2023. v. 7, n. 1. DOI 10.30905/rde.v7i1.697. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/372771846_Metodologias_de_pesquisa_um_dialogo_quantitativo_qualitativo_e_quali-quantitativo>. Acesso em: 01 set. 2024.

MALHEIROS, E. S. de A. *et al***.** Síndrome climatérica em uma cidade do Nordeste brasileiro: um inquérito domiciliar. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 36, n. 4, p. 163–169, abr. 2014. DOI: https://doi.org/10.1590/S0100-72032014000400002.

MARTINEZ, M. C.; LATORRE, M. do R. D. de O. Saúde e capacidade para o trabalho em trabalhadores de área administrativa. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, n. 5, p.851-858, out. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102006000600015&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 set. 2024.

MARTINEZ, M. C.; LATORRE, M. do R. D. de O.; FISCHER, F. M. Validade e confiabilidade da versão brasileira do Índice de Capacidade para o Trabalho. **Revista de**

Saúde Pública, v. 43, n. 3, p. 525-532, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/wnJrnpfLpD5SNRwMVDCmyjH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2024.

MEIRA, L. F. *et al*. Função sexual e qualidade de vida em mulheres climatéricas. **Fisioterapia Brasil**, v. 21, n. 2, 2020. DOI: https://doi.org/10.33233/fb.v21i2.2671.

MUSSI, R. F. F. *et al*. Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revista Sustinere**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 414-430, jul-dez, 2019. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/8ac9/f5d8fbd44ab24a31ab2ceaaede3143feee19.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2024.

OLIVEIRA, P. H. L. de. *et al*. Transtornos depressivos em mulheres no climatério: uma revisão sistemática. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 12, p. e199131247871, 2024. DOI: https://doi.org/10.33448/rsd-v13i12.47871.

OMS. Organização Pan-Americana da Saúde. Nota técnica: N.08/2021: Estudos transversais: Orientações para indexação de acordo com a Metodologia LILACS, 2021.Disponível em: <https://lilacs.bvsalud.org/guias-e-manuais/wp-content/uploads/2022/09/Versao-PDF- Estudos-transversais.pdf>. Acesso em: 15 set. 2024.

PEDRO, A. O. *et al*. Idade de ocorrência da menopausa natural em mulheres brasileiras: resultados de um inquérito populacional domiciliar. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n. 1, p. 7–25, jan. 2003. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-311X2003000100003.

PERTYNSKA-MARCZEWSKA, Magdalena; PERTYNSKI, Tomasz. Non-hormonal pharmacological interventions for managing vasomotor symptoms-how can we help: 2024 landscape. **European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology**, v. 302, p. 141-148, 2024. DOI: 10.1016/j.ejogrb.2024.09.013

PINTO NETO, A. M. et al. Caracterização das usuárias de terapia de reposição hormonal do município de Campinas, São Paulo. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 18, n. 1, p. 121–127, jan. 2002. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-311X2002000100012.

POMPEI, L. M. et al. Profile of Brazilian climacteric women: results from the Brazilian Menopause Study. **Climacteric**, v. 25, n. 5, p. 523–529, outubro 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13697137.2022.2088276>. Acesso em: 30 jul. 2024.

SAFWAN, N. *et al*. Menopause in the workplace: challenges, impact, and next steps. **Maturitas**, v. 185, 107983, 2024. DOI: https://doi.org/10.1016/j.maturitas.2024.107983.

SELBAC, M. T. *et al.* Mudanças comportamentais e fisiológicas determinadas pelo ciclo biológico feminino: Climatério à menopausa. **Aletheia: Periódicos eletrônicos em psicologia**, Canoas, v. 51, n. 1-2, p. 177-190, jan./dez. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942018000100016>. Acesso em: 01 ago. 2024.

SERPA, M. A. *et al*. Fatores associados à qualidade de vida em mulheres no climatério. **Reprodução & Climatério**, v. 31, n. 2, p. 76–81, jun. 2016. DOI:

https://doi.org/10.1016/j.recli.2016.04.001.

SILVA, A. R. da; TANAKA, A. C. D. Factors associated with menopausal symptom severity in middle-aged Brazilian women from the Brazilian Western Amazon. **Maturitas**, v. 76, n. 1, p. 64-69, 2013. DOI: 10.1016/j.maturitas.2013.05.0. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23810489/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SILVA, G. F. e *et al*. Climate women in the workplace: integrative literature review. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, p. e47310817514, 2021. DOI: https://doi.org/10.33448/rsd-v10i8.17514.

SILVA, R. A. *et al.* Influência dos sintomas climatéricos na capacidade de trabalho. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 6, p. 59984–59995, 2021. DOI: https://doi.org/10.34117/bjdv7n6-402.

SILVA, R. M. da; ARAÚJO, C. B. de; SILVA, Â. R. V. Alterações biopsicossociais da mulher no climatério. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 16, n. 1, p. 28–33, jan. 2012. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/408/40816206.pdf. Acesso em: 24 jun. 2025.

SILVEIRA, I. L. da. *et al*. Prevalência de sintomas do climatério em mulheres dos meios rural e urbano no Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 29, n. 8, p. 415–422, ago. 2007. DOI: https://doi.org/10.1590/S0100-72032007000800006.

SOUZA, J. P. *et al*. A percepção da mulher sobre o período do climatério e menopausa. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 17, e222111739225, dez. 2022. DOI: https://doi.org/10.33448/rsd-v11i17.39225.

SYAL, G. et al. Estudo da incidência e gravidade dos sintomas da menopausa em mulheres da região sub-Himalaia, utilizando a Escala Climatérica de Greene. **International Journal of Reproduction, Contraception, Obstetrics and Gynecology**, v. 10, n. 3, p. 1102–1105, 2021. DOI: https://doi.org/10.18203/2320-1770.ijrcog20210742.

TELES, T. O. *et al*. Consequências do climatério e menopausa na sexualidade: um estudo no centro de atendimento integrado à saúde de Rio Verde – Goiás. **Revista Saúde e Biologia**, v. 7, n. 3, p. 45–51, set./dez. 2012.

THE NORTH AMERICAN MENOPAUSE SOCIETY**.** The 2022 hormone therapy position statement of The North American Menopause Society. **Menopause**, v. 29, n. 7, p. 767–794, 2022. DOI: https://doi.org/10.1097/GME.0000000000002028.

TISSIANI, M. P. *et al*. O impacto do climatério na saúde mental das mulheres. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 8, n. 2, p. 1–13, mar./abr. 2025. DOI: https://doi.org/10.34119/bjhrv8n2-084.

TODOROVA, L. *et al*. Prevalência e impacto dos sintomas vasomotores decorrentes da menopausa entre mulheres no Brasil, Canadá, México e Europa nórdica: um estudo transversal. **Menopause**, v. 30, n. 12, p. 1179–1189, dez. 2023. DOI: https://doi.org/10.1097/GME.0000000000002265.

TUOMI, K. *et al*. Aging, work, life-style and work ability among Finnish municipal workers in 1981–1992. **Scandinavian Journal of Work, Environment & Health**, v. 23, supl. 1, p. 58–65, 1997.

TUOMI, K. *et al*. Índice de capacidade para o trabalho. São Carlos: **Edufscar**, 2005.

VASCONCELOS-RAPOSO, J. *et al.* Factor structure and normative data of the Greene Climacteric Scale among postmenopausal Portuguese women. **Maturitas,** v. 72, n. 3, p. 256–262, 2012. DOI: https://doi.org/10.1016/j.maturitas.2012.04.003.

VELASCO, C. Brasil está cada vez mais feminino e envelhece mais rápido, mostra Censo. **G1**, Economia, out. 2023. Disponível em: < https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2023/10/27/brasil-esta-cada-vez-mais-feminino-e-envelhece-mais-rapido-mostra-censo.ghtml >. Acesso em: 21 ago. 2024.

VERDONK, P.; BENDIEN, E.; APPELMAN, Y. Menopausa e trabalho: uma revisão narrativa da literatura sobre menopausa, trabalho e saúde. **Work**, v. 72, n. 2, p. 483–496, 2022. DOI: https://doi.org/10.3233/WOR-205214.

WERMELINGER, M. *et al*. A força de trabalho do setor de saúde no Brasil: focalizando a feminização. **Revista Divulgação em Saúde para Debate**, n. 45, p. 54-70, maio 2010. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/observarh/arquivos/A%20Forca%20de%20Trabalho%20do%20Setor%20de%20Saude%20no%20Brasil%20.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2024.

WHITELEY, J. *et al*. Impacto da gravidade dos sintomas vasomotores no estado de saúde, uso de recursos e produtividade. **Menopause,** v. 20, n. 5, p. 518–524, maio 2013. DOI: https://doi.org/10.1097/GME.0b013e31827d38a5.

YONG, Z. *et al*. Prevalence and severity of menopausal symptoms in women of different ages – China, 2023–2024. **China CDC Weekly**, v. 7, n. 10, p. 334–340, 2025. DOI: https://doi.org/10.46234/ccdcw2025.054.

YUKSEL, N. *et al*. Prevalence and impact of vasomotor symptoms due to menopause among women in Canada: a subgroup analysis from an international cross-sectional survey of women with vasomotor symptoms associated with menopause (WARM Study). **Menopause**, v. 32, n. 1, p. 38–44, jan. 2025. DOI: https://doi.org/10.1097/GME.0000000000002451.

APÊNDICES

APÊNDICE I

INSTRUMENTO COM DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS E COMPORTAMENTAIS

Nº:__

1. CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS

Iniciais do nome:_____ UBSF: _____
Idade:_____Estado Civil:_____
Profissão/ocupação:_____Renda Mensal: _____
Escolaridade:_____ Religião: _____
Idade da menarca "Primeira menstruação"? _____
Os ciclos eram: ( ) REGULARES ( ) IRREGULARES
Tem filhos? _____Quantos? _____
Idade da 1º gestação? _____Amamentou? ( ) SIM ( ) NÃO Por quanto tempo? _____
Idade da menopausa? _____
Fez ou faz Terapia de Reposição Hormonal (TRH)? ( ) SIM ( ) NÃO Quanto tempo? _____

2. CARACTERÍSTICAS COMPORTAMENTAIS

Fuma? ( ) SIM ( ) NÃO A quanto tempo? _____
Faz uso de bebidas alcoólicas? ( ) SIM ( ) NÃO A quanto tempo? _____
Realiza alguma atividade física? ( ) SIM ( ) NÃO A quanto tempo? _____
Participa de algum grupo? ( ) SIM ( ) NÃO A quanto tempo? _____

3. CARACTERÍSTICAS CLÍNICAS

Tem Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS)? ( ) SIM ( ) NÃO A quanto tempo?_____
Tem Diabetes Mellitus? ( ) SIM ( ) NÃO Qual tipo? ( ) I ( ) II A quanto tempo? _____
Sente dores nas articulações (ARTRALGIA)? ( ) SIM ( ) NÃO A quanto tempo? _____
Tem osteoporose? ( ) SIM ( ) NÃO A quanto tempo? _____
Obesidade? ( ) SIM ( ) NÃO A quanto tempo? _____

APÊNDICE II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Tema: "A intensidade dos sintomas do climatério e sua relação com a capacidade de trabalho de mulheres trabalhadoras do SUS".

Você está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa acima citado, desenvolvido Gabriela Monteiro do Nascimento, estudante, e orientada pela professora responsável Heloisy Alves de Medeiros Leano, do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Unidade Acadêmica de Enfermagem do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande. O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu,_____, nascida em _____de_____de_____, abaixo assinada, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntária do estudo: "A intensidade dos sintomas do climatério e sua relação com a capacidade de trabalho de mulheres trabalhadoras do SUS". Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

I. O objetivo dessa pesquisa é analisar as associações entre sintomas do climatério, capacidade de trabalho e saúde entre trabalhadoras do Sistema Único de Saúde (SUS) do município de Cuité na fase climatérica;

II. Justifica-se a pesquisa pela necessidade de preencher lacunas na literatura, visto que, com o aumento da expectativa de vida das mulheres e o papel social e profissional que elas vêm conquistando nos últimos anos, torna-se necessário o entendimento da fase climatérica e seu impacto no ambiente de trabalho, à medida que essa fase ocorre em plena vida produtiva da mulher;

III. A pesquisa mostra-se relevante pois contribui para o desenvolvimento de estratégias e intervenções para apoiar mulheres trabalhadoras que estejam passando pelo processo de climatério. Ademais, contribui para que elas reconheçam e gerenciem seus sintomas para melhorar sua qualidade de vida e desempenho profissional;

IV. Os riscos do estudo são mínimos, como possível desconforto e cansaço ao responder ao instrumento ou estresse emocional em relação às respostas. Será

fornecido um ambiente confortável para responder os questionários e as mesmas serão informadas sobre seu direito de optar por não responder a qualquer pergunta com a qual não se sintam confortáveis. Além disso, será garantida a confidencialidade das participantes, assegurando que as informações e dados fornecidos serão mantidos em sigilo e não serão compartilhados com terceiros.

V. Durante a pesquisa, serão aplicados os instrumentos: questionário com dados sociodemográficos e comportamentais confeccionado pela pesquisadora, o Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT) e a Escala Climatérica de Greene (GCS), que deverão ser respondidos após a assinatura deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

VI. Poderá desistir da pesquisa ou interromper a colaboração da pesquisa a qualquer momento que a participante desejar, sem necessidade de qualquer explicação ou penalização;

VII. Será garantido a manutenção do sigilo e da privacidade da participante da pesquisa durante todas as fases da pesquisa;

VIII. Será garantido o sigilo dos resultados exceto para fins de divulgação científica. Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa.

( ) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa

( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

IX. Será garantido o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com todas as páginas rubricadas e aposição de assinatura na última página, pelo pesquisador responsável;

X. Será garantido de ressarcimento e como serão cobertas as despesas obtidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes;

XI. Terá garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa;

XII. Caso me sinta prejudicada por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, localizado na Rua Profª. Maria Anita Furtado Coelho, S/N, Sítio Olho D'Água da Bica, Bloco: Central de Laboratórios de Análises Clínicas (LAC), 1º andar, Sala 16. CEP: 58175 – 000, Cuité-PB, Tel: 3372 – 1835, E-mail: cep.ces.ufcg@gmail.com;

XIII. Poderei também contactar a pesquisadora responsável, por meio do endereço, e-mail e telefone (Endereço: Campus Universitário, Sítio Olho D'água da Bica, Bloco F, Sala 06, CEP: 58175-000; Email: heloisyamedeiros@gmail.com; Tel:

(83) 999203628.

Cuité-PB,
_____de_____de
_____

_____

( )Participante da pesquisa /( )Responsável

_____

Pesquisador responsável pelo projeto (Heloisy Alves de Medeiros Leano)

ANEXOS

ANEXO I

ÍNDICE DE CAPACIDADE PARA O TRABALHO (ICT)

ITENS E DIMENSÕES	SCORE
1. Capacidade para o trabalho comparada com a melhor de toda vida.	0-10
2. Capacidade para o trabalho em relação às exigências físicas.	2-10
3. Número de doenças atuais diagnosticadas pelo médico.	1-7
4. Perda estimada para o trabalho por causa de doenças	1-6
5. Faltas ao trabalho por doenças no último ano (12 meses).	1-5
6. Prognóstico próprio da capacidade para o trabalho daqui 2 anos.	1,4 ou 7
7. Recursos mentais.	1-4
Pontuação do ICT	7-49

PONTOS	CAPACIDADE PARA O TRABALHO	OBJETIVO DAS MEDIDAS
7-27	Baixa	Restaurar a capacidade para o trabalho
28-36	Moderada	Melhorar a capacidade para o trabalho
37-43	Boa	Apoiar a capacidade para o trabalho
44-49	Ótima	Manter a capacidade para o trabalho

Fonte: Adaptado de Tuomi et al (1997, apud DURAN e COCO 2004 p. 44).

ANEXO II

QUESTIONÁRIO DO ÍNDICE DE CAPACIDADE PARA O TRABALHO (ICT)

1. CAPACIDADE DE TRABALHO ATUAL COMPARADA COM O SEU MELHOR

Suponha que sua capacidade máxima de trabalho seja representada pelo valor de 10 pontos. Marque com um X o número de zero a dez que melhor reflete a sua capacidade de trabalho no momento.

Estou incapaz para o trabalho

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Estou em minha melhor capacidade para o trabalho

2. CAPACIDADE DE TRABALHO EM RELAÇÃO ÀS EXIGÊNCIAS DO TRABALHO

Como você classificaria sua capacidade atual para o trabalho em relação às exigências **físicas** do seu trabalho? (Por exemplo, fazer esforço físico com partes do corpo).

1	2	3	4	5
Muito baixa	Baixa	Moderada	Boa	Muito boa

Como você classificaria sua capacidade atual para o trabalho em relação às exigências **mentais** do seu trabalho? (Por exemplo, interpretar fatos, resolver problemas, decidir a melhor forma de fazer).

1	2	3	4	5
Muito baixa	Baixa	Moderada	Boa	Muito boa

3. DOENÇAS ATUAIS

Assinale apenas o número de doenças ou lesões por acidente que foram diagnosticadas ou tratadas por um médico.

7	5	4	3	2	1
Nenhuma doença	1 doenças	2 doenças	3 doenças	4 doenças	5 ou mais doenças

4. **ESTIMATIVA DO GRAU DE INCAPACIDADE PARA O TRABALHO DEVIDO A DOENÇA(S)**

Sua condição ou doença é um impedimento para seu trabalho atual? (Você pode marcar mais de uma resposta nesta pergunta).

Na minha opinião estou totalmente incapacitado para trabalhar.	1
Por causa da minha doença sinto-me capaz de trabalhar apenas em tempo parcial.	2
Frequentemente preciso diminuir meu ritmo de trabalho ou mudar meus métodos de trabalho.	3
Algumas vezes preciso diminuir meu ritmo de trabalho ou mudar meus métodos de trabalho.	4
Eu sou capaz de fazer meu trabalho, mas ele me causa alguns sintomas.	5
Não há impedimento / Eu não tenho doenças.	6

5. **ABSENTEÌSMO DURANTE O ÚLTIMO ANO**

Quantos dias inteiros você esteve fora do trabalho devido a problemas de saúde, consulta médica ou para fazer exame durante os últimos 12 meses?

1	2	3	4	5
De 0 a 365 dias	De 25 a 99 dias	De 10 a 24 dias	Até 9 dias	Nenhum

6. **PROGNÓSTICO DA CAPACIDADE DE TRABALHO PARA DAQUI A DOIS ANOS**

Considerando sua saúde, você acha que será capaz de daqui a 2 anos, fazer

seu trabalho atual?

1	4	7
É improvável	Não estou muito certa	Bastante provável

7. RECURSOS PSICOLÓGICOS

Você tem conseguido apreciar (se sentir satisfeito com) suas atividades diárias?

0	1	2	3	4
Nunca	Raramente	Às vezes	Quase sempre	Sempre

Você tem sentido ativo e alerta?

0	1	2	3	4
Nunca	Raramente	Às vezes	Quase sempre	Sempre

Você tem se sentido cheio de esperança para o futuro?

0	1	2	3	4
Nunca	Raramente	Às vezes	Quase sempre	Sempre

Fonte: Adaptado de Tuomi et al (2005, apud Junior; Vasconcelos; Griep; Rotenberg, 2011; Costa; Reis, 2018).

ANEXO III

ESCALA CLIMATÉRICA DE GREENE (GCS)

	Nenhum (0)	Leve (1)	Moderado (2)	Grave (3)	
SINTOMAS VASOMOTORES					
1. Ondas de calor					
2. Suor noturno					
SINTOMAS SOMÁTICOS					
3. Pressão ou aperto na cabeça					
4. Dor nos músculos ou nas juntas					
5. Partes do corpo ficam dormentes/formigando					
6. Dores de cabeça					
7. Sentindo-se tonta ou desmaio					
8. Dificuldade para respirar					
9. Perda da sensação dos pés e das mãos					
SINTOMAS PSICOLÓGICOS - ANSIEDADE					
10. Sentindo-se tensa ou nervosa					
11. Ataques de pânico					
12. Coração batendo rápido ou forte					
13. Se agitar rapidamente					
14. Dificuldade em dormir					
15. Dificuldade em se concentrar					
SINTOMAS PSICOLÓGICOS - DEPRESSÃO					
16. Sentindo-se infeliz ou nervosa					
17. Perda de interesse nas coisas					
18. Irritável					
19. Crises de choro					
20. Sentindo-se cansada ou sem energia					
DISFUNÇÃO SEXUAL					
21. Perda de interesse no sexo					
ESCORE					Total:

Fonte: Adaptado de Greene, 1998

ANEXO IV

TERMO DE COMPROMISSO DO(S) PESQUISADOR(ES)

Por este termo de responsabilidade, nós abaixo–assinados, Heloisy Alves de Medeiros Leano e Gabriela Monteiro do Nascimento, orientadora e orientanda da pesquisa intitulada "A intensidade dos sintomas do climatério e sua relação com a capacidade de trabalho de mulheres trabalhadoras do SUS", assumimos cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução nº 466, de 12 de Dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde e suas normatizações complementares, homologadas nos termos do Decreto de delegação de competências de 12 de novembro de 1991, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, ao (s) sujeito (s) da pesquisa e ao Estado.

Reafirmamos, outrossim, nossa responsabilidade indelegável e intransferível, mantendo em arquivo todas as informações inerentes a presente pesquisa, respeitando a confidencialidade e sigilo dos documentos correspondentes a cada participante incluído na pesquisa, por um período de 5 (cinco) anos após o término desta.

Apresentaremos sempre que solicitado pelas instâncias envolvidas no presente estudo, relatório sobre o andamento da mesma, assumindo o compromisso de:

- Preservar a privacidade dos participantes da pesquisa cujos dados serão coletados;
- Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto em questão;
- Assegurar que os benefícios resultantes do projeto retornem aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa;
- Assegurar que as informações somente serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar o sujeito da pesquisa;
- Assegurar que os resultados da pesquisa serão encaminhados para a publicação e para as instituições co-participantes, como forma de retorno e contribuição aos serviços.

Em cumprimento às normas regulamentadoras, **declaramos que a coleta de dados do referido projeto não foi iniciada** e que somente após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande (CEP-CES-UFCG), os dados serão coletados.

Cuité-PB,

_____de_____de

_____

Heloisy Alves de Medeiros Leano
Orientadora/Pesquisadora responsável

Gabriela Monteiro do Nascimento
Orientanda/Pesquisadora responsável

ANEXO V

PREFEITURA MUNICIPAL DE CUITÉ
SECRETARIA DE SAÚDE MUNICIPAL
Rua Francisco Teodoro da Fonseca, 1852-1952 – Centro – Centro, Cuité – PB, 58175000

ANEXO V

TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Eu, **ADRIANA SELIS DE SOUSA**, Secretária de Saúde do município de Cuité, estado da Paraíba, autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada **"A INTENSIDADE DOS SINTOMAS DO CLIMATÉRIO E SUA RELAÇÃO COM A CAPACIDADE DE TRABALHO DE MULHERES TRABALHADORAS DO SUS",** que terá como cenário as Unidades Básicas de Saúde, Hospital Municipal de Cuité, Central de Gestão em Saúde, Centros de Atenção Psicossocial Adulto e Infantil, Secretaria Municipal de Saúde e a 4º Gerência Regional de Saúde deste município, tendo como pesquisadores a Profª. Heloisy Alves de Medeiros Leano (Orientadora da pesquisa e Professora do Curso de Bacharelado em Enfermagem na Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cuité) e Gabriela Monteiro do Nascimento (Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cuité).

Cuité-PB,18 de outubro de 2024.

Adriana Selis de Sousa
Secretaria de Saúde

Adriana Selis de Sousa

Secretária Municipal de Saúde- Cuité

ANEXO IV

UFCG - HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE / HUAC - UFCG

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A INTENSIDADE DOS SINTOMAS DO CLIMATÉRIO E SUA RELAÇÃO COM A CAPACIDADE DE TRABALHO DE MULHERES TRABALHADORAS DO SUS

Pesquisador: Heloisy Alves de Medeiros Leano

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 86147524.0.0000.5182

Instituição Proponente: Universidade Federal de Campina Grande

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.403.578

Apresentação do Projeto:

De acordo com o pesquisador o climatério, período de transição entre a fase reprodutiva para a não reprodutiva da mulher, embora possa ser assintomático, em algumas mulheres, é marcado por sintomas que podem impactar significativamente a qualidade de vida e seu desempenho profissional. O presente estudo tem como objetivo principal analisar as associações entre os sintomas do climatério e a capacidade de trabalho de mulheres trabalhadoras do Sistema Único de Saúde (SUS) no município de Cuité, Paraíba. Utilizando uma abordagem quantitativa de caráter exploratório, o estudo aplicará a Escala Climatérica de Greene (GCS) para avaliar a intensidade dos sintomas climatéricos e o Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT) que avalia a percepção do trabalhador sobre sua capacidade atual e futura de executar seu trabalho, considerando as exigências do trabalho, seu estado de saúde e suas capacidades físicas e mentais. A população participante da pesquisa será composta por mulheres trabalhadoras do SUS no município de Cuité que estejam na fase climatérica, estimada entre 40 e 65 anos de idade. A coleta do material se dará a partir dos seguintes instrumentos: Escala de Índice de Capacidade para o Trabalho (ICT), Escala Climatérica de Greene (GCS) e instrumento com dados sociodemográficos e comportamentais. Espera-se que, como

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

resultados esperados, a pesquisa contribua para uma melhor compreensão dos efeitos do climatério na capacidade de trabalho, auxiliando na formulação de estratégias de suporte às mulheres trabalhadoras do SUS.

Objetivo da Pesquisa:

O pesquisador elenca como objetivos da pesquisa:

Objetivo Geral:

Analisar as associações entre sintomas do climatério e capacidade de trabalho entre trabalhadoras do Sistema Único de Saúde (SUS) do município de Cuité na fase climatérica

Objetivos Específicos:

Compreender como os sintomas do climatério alteram a capacidade de trabalho e a percepção das mulheres trabalhadoras do SUS sobre seu desempenho profissional;

Entender os principais desafios enfrentados por mulheres trabalhadoras do SUS na fase climatérica no contexto profissional.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador elenca como riscos e benefícios da pesquisa:

Riscos:

É importante destacar que pesquisas envolvendo seres humanos sempre apresentam alguns riscos. Para este estudo, os principais riscos incluem tomar o tempo das participantes, o potencial desconforto, cansaço ou estresse emocional que pode surgir ao responder os questionários. Para mitigar esses riscos, será fornecido um ambiente confortável para responder os questionários e as mesmas serão informadas sobre seu direito de optar por não responder a qualquer pergunta com a qual não se sintam confortáveis. Além disso, será garantida a confidencialidade das participantes, assegurando que as informações e dados fornecidos serão mantidos em sigilo e não serão compartilhados com terceiros.

Benefícios:

A realização desta pesquisa apresenta benefícios no que diz respeito à melhor compreensão dos impactos dos sintomas do climatério na vida profissional e pessoal das mulheres trabalhadoras do SUS, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias para apoiar essas mulheres. Ademais, contribuir para que elas reconheçam e gerenciem seus sintomas para

UFCG - HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE / HUAC - UFCG



melhorar sua qualidade de vida e desempenho profissional.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa denota relevância científica e social

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram anexados ao sistema pelo pesquisador:

- Projeto Completo
- Folha de rosto
- Termo de Anuência Institucional
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- Termo de Compromisso dos Pesquisadores
- Cronograma
- Orçamento
- Instrumento de coleta de dados

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não existem inadequações éticas para o início da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2473805.pdf	05/02/2025 09:52:58		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	BROCHURA_2G.pdf	05/02/2025 09:52:31	Heloisy Alves de Medeiros Leano	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_2G.pdf	05/02/2025 09:51:41	Heloisy Alves de Medeiros Leano	Aceito

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE / HUAC - UFCG

Outros	TERMO_COMPROMISSO_2G.pdf	05/02/2025 09:50:02	Heloisy Alves de Medeiros Leano	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRostoG.pdf	10/12/2024 13:04:01	Heloisy Alves de Medeiros Leano	Aceito
Outros	anuenciaG.pdf	10/12/2024 11:30:37	Heloisy Alves de Medeiros Leano	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

CAMPINA GRANDE, 22 de Fevereiro de 2025

Assinado por:
Andréia Oliveira Barros Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br